

Fradique Mendes, uma personagem e dois olhares enunciativos¹

Fradique Mendes, one character and two enunciative views

EUNICE PIAZZA GAI

UNISC – Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil



Resumo: O texto aborda a questão do ponto de vista narrativo em dois romances que se constituem a partir da personagem de Fradique Mendes. Um deles, *A correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queirós, é de 1888 e o outro, *Nação Crioula*, de José Eduardo Agualusa, é de 1997. O objetivo é estabelecer um paralelo entre os textos, destacando a perspectiva estética dos mesmos. Considera que o fato de os autores pertencerem a períodos históricos diferentes pode ser um aspecto relevante para o delineamento das visões de mundo das duas obras, embora o tempo do enunciado de ambas seja o mesmo, o século XIX. É assim, por exemplo, que o texto oitocentista enfoca a nacionalidade portuguesa a partir da presença e da visão de uma personalidade “exemplar”, distanciada e de um narrador observador; e o outro está centrado na questão da identidade portuguesa a ser repensada, considerando a presença de outras nações, como Brasil e África, além de Portugal. Dessa forma, no âmbito da estética, algumas das diferenças, entre as duas obras podem ser estabelecidas tendo em vista a enunciação, que encarna e revela valores e visões de mundo vigentes nos respectivos momentos históricos a que os autores pertencem.

Palavras-chave: Eça de Queirós; Fradique Mendes; Enunciação; Estética; narrativa

Abstract: The paper addresses the issue from the narrative point of view of two novels, which are created from the character of Fradique Mendes. One of them, *The correspondence of Fradique Mendes (A correspondência de Fradique Mendes)*, by Eça de Queirós, is from 1888 and the other, *Creole Nation (Nação Crioula)*, by José Eduardo Agualusa, is from 1997. The aim is to establish a comparison between the texts, highlighting their aesthetic perspective. The fact that the authors belong to different historical periods can be a relevant aspect for delineating the world views of the two works, although the time of the enunciation of both being the same, the nineteenth century. It is so, for example, that the nineteenth-century text focuses the Portuguese nationality from the presence and view of an ‘exemplary’ personality, detached, and an observant narrator; and the other is centered on the Portuguese identity to be rethought, considering the presence of other nations, such as Brazil and Africa, besides Portugal. Therefore, in the aesthetic context, some of the differences between the two works can be established having in view the enunciation, which embodies and shows values and world views prevailing in the historical moments to which the authors belong.

Keywords: Eça de Queirós; Fradique Mendes; Enunciation; Aesthetics; Narrative

Fradique Mendes é uma personagem que, originariamente, resulta de uma criação coletiva, característica que permanece ainda, depois de mais de um século de existência, visto que continua a fazer parte do ideário criador de diversos escritores das literaturas de língua portuguesa. Inicialmente foi ideada por Antero de Quental, Jaime Batalha Reis e Eça de Queirós, por volta de 1869, momento em que apresenta uma tendência ao satanismo, próxima da perspectiva existente nos poemas, nos demais escritos e na própria figura de Baudelaire. Em

1888, ressurgiu com uma biografia completa e contornos mais definidos, na obra *A correspondência de Fradique Mendes* (memórias e notas),² de Eça de Queirós.

¹ A primeira versão desse texto, com enfoque um tanto diferente, foi publicada na revista da ABRAPLIP, Número 2, Santa Maria, 2001, com o título: “Baú inesgotável: as cartas de Fradique Mendes”. O texto atual foi revisto e ampliado. O novo título encerra o direcionamento diferente que lhe foi conferido.

² Todas as citações serão retiradas da seguinte edição: QUEIRÓS, Eça de. *A correspondência de Fradique Mendes*. Memórias e notas. Porto: Lello & Irmão – Editores, s. d., com a indicação das páginas no corpo do texto.

José Eduardo Agualusa, em 1997, apresenta mais uma faceta desse herói, desconhecida até então, visto que estaria imersa no baú do esquecimento. Trata-se do romance *Nação crioula* – A correspondência secreta de Fradique Mendes,³ escrito em forma de cartas, que revelam outros episódios de sua vida, inexistentes na obra de Eça. As cartas foram enviadas a Ana Olímpia, uma bela africana, por quem Fradique se apaixonara em sua primeira viagem à África, bem como a Madame de Jouarre e a Eça de Queirós. Ana Olímpia é uma criação nova, Madame de Jouarre já constava do romance de 1888 e Eça de Queirós, seu autor, vira personagem neste, de Agualusa, na medida em que cartas lhe são dirigidas por Fradique Mendes que o considera um amigo.

O objetivo deste estudo é estabelecer um paralelo entre as obras de Eça e de Agualusa, levando em conta, especialmente, as intenções dos autores expressas nos textos; pretende-se destacar o ponto de vista, as perspectivas de enunciação na construção da personagem de Fradique Mendes e a situação histórico-ideológica.

Para melhor equacionar o problema do ponto de vista, o estudo vale-se da ideia de autor implícito. Este, no dizer de Gianni Turchetta, em seu texto intitulado *Il punto di vista*, é aquele espião onipresente, aquele outro que domina e governa a multiplicidade das focalizações em uma narrativa, e revela o ponto de vista ideológico do autor. Seria a idéia que o leitor faz, a partir da leitura do texto, do autor, mesmo que essa ideia não tenha nada a ver com o autor real e até mesmo seja equivocada. Ainda, conforme argumentação de Turchetta, para que haja a compreensão de um texto é necessário que o leitor construa uma visão unitária a qual tende a coincidir com o ponto de vista do autor implícito.

Observa-se que o texto oitocentista, embora marcado pela ambiguidade própria de Eça de Queirós, procura revelar um caráter “exemplar”, de um indivíduo português que, devido à sua personalidade e alcance intelectual raros, contrasta com a mentalidade pequena e fechada da época, em Portugal; ao mesmo tempo, aparece a preocupação genuína e constante com as questões nacionais, em que busca valorizá-las, como no caso de certos costumes tradicionais e da paisagem portuguesa, ao mesmo tempo que critica a imitação dos estrangeiros. Eça pretende, principalmente, revelar um caráter complexo e raro, centrando-se assim na construção da personagem, portadora e catalisadora de valores éticos e literários que ultrapassam a sua condição de indivíduo português.

O outro texto, *Nação Crioula*, enfoca os diferentes aspectos que contribuem para a conformação de uma

identidade, resultado da tripla herança recebida da África, Brasil e Portugal. Além disso, no romance de Agualusa, a personagem torna-se arauto de uma nova visão da nacionalidade portuguesa.

A presença e as visões do Brasil e da África nas duas narrativas

Nação Crioula vem, supostamente, cobrir uma lacuna existente na obra de Eça sobre alguns fatos da vida de Fradique. Com efeito, n’*A Correspondência de Fradique Mendes*, as aventuras vividas pelo herói em suas viagens à África e ao Brasil não estão registradas. Apenas sabe-se que, na África, recolhera notas sobre cultos nativos no Zambese. A esse respeito, em uma das cartas que dirige a Guerra Junqueiro onde, de modo irônico, argumenta sobre religiões, contrapondo-se às críticas que o amigo fazia à Igreja e, especialmente, ao clero, relata o fato ocorrido com um chefe negro, de nome Lubenga que, às vésperas de entrar em guerra com seu vizinho, realiza estranho ritual. Pretendendo entrar em contato com Mulungu, um seu avô divinizado, chama um escravo, diz-lhe tudo o que gostaria fosse transmitido a seu deus e, em seguida, corta-lhe a cabeça e ordena-lhe, à alma, que parta. Tendo talvez esquecido alguma coisa, chama outro escravo, sussurra-lhe algo ao ouvido, decepa-lhe a cabeça e ordena-lhe que vá. Humoristicamente, Fradique conclui a carta observando que “o segundo escravo era um pós-escrito” (p. 142).

Apesar da presença dessa referência, quando instado pelo narrador a escrever suas opiniões sobre essa viagem, responde: “– Para quê?... Não vi nada na África, que os outros não tivessem já visto” (p. 105). O narrador observa que talvez a tivesse visto “de um modo diferente e superior; que nem todos os dias um homem educado pela filosofia e saturado de erudição faz a travessia da África” (p. 105). A tais argumentos, Fradique retruca: “Não! Não tenho sobre a África, nem sobre coisa alguma nesse mundo, conclusões que, por alterarem o curso do pensar contemporâneo valesse a pena registrar... Só podia apresentar uma série de impressões, de paisagens” (p. 105).

Aparentemente, propondo-se uma leitura que desconsidera a ironia como visão do mundo, pode-se concluir que o missivista faz uma crítica, através do humor, ao primitivismo, ao absurdo, aos valores que pautam a cultura africana. Também, na última citação, pode-se intuir que se não há o que falar da África é porque ela não oferece possibilidades de fazer sentido ao civilizado Fradique. Por outro lado, abster-se de pronunciar-se sobre a África, ou o Brasil, como se verá a seguir, parece estar ligado ao pensamento irônico que se caracteriza pela investigação que não conclui, que não

³ Todas as citações serão retiradas da seguinte edição: AGUALUSA, José Eduardo. *Nação crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998., com a indicação das páginas no corpo do texto.

afirma e que evita propor julgamentos. A personagem, que constitui um ponto de vista dentro da obra, se cala a respeito da África, mas não só sobre ela, pois acrescenta que não possui conclusões relevantes “sobre coisa alguma nesse mundo”.

A respeito de sua viagem ao Brasil, o narrador queirosiano anuncia que no verão de 1877, em Sintra, na Quinta de Saragoça, Fradique repousa de sua jornada ao Brasil e às repúblicas do Pacífico (p.55). Se nada mais foi enunciado acerca dessa viagem, os motivos, talvez, sejam os mesmos daqueles referidos para a África.

O romance de *Aqualusa* preenche esses vácuos, mostrando que nessas civilizações há outros valores e culturas, embora não estejam em consonância com a perspectiva civilizatória do ocidente e causem aqui espanto e perplexidade. Fá-lo da forma como segue. Em agosto de 1900, mês e ano da morte de Eça de Queirós, Ana Olímpia, personagem de *Nação crioula*, envia, precisamente a Eça, uma carta à qual junta as demais, que recebera de Fradique, bem como as que este enviara a Madame de Jouarre, observando que ali se encontra a sua própria história, contada, todavia, por ele. Nesse aspecto, o processo enunciativo sutilmente aponta para o fato de que no romance oitocentista, há um narrador que precede a apresentação das cartas, enquanto neste, são as próprias cartas que constituem o romance. Por isso, talvez, a última versão possa ser mais autêntica.

A narrativa, que se estrutura a partir do conteúdo da correspondência, revela que, em maio de 1868, Fradique desembarca em Luanda, acompanhado de seu fiel Smith. Lá, fica hospedado na casa de um português, Arcénio Pompílio Pompeu de Carpo, enriquecido através do tráfico de escravos. Estão relatadas nas cartas as diferentes vicissitudes pelas quais passa em suas passagens pela África, mas a trama novelesca tem acento especial na personagem feminina, de origem africana, por quem Fradique está apaixonado e com quem tem uma filha chamada Sophia. Alguns fatos retratados compõem o quadro de exotismo e estranheza em relação aos costumes e modo de vida desse país. O conhecimento da terrivelmente feia Gabriela Santamarinha e suas escravas albinas; a paisagem exuberante e cheia de surpresas e mistérios, as relações sociais e comerciais fundadas no escravismo, a trajetória de Ana Olímpia são algumas das cores desse painel africano que aparece no romance de *Aqualusa*. Em carta a Madame de Jouarre, refere sua primeira impressão ao chegar em Luanda:

Desembarquei ontem em Luanda às costas de dois marinheiros cabindanos. Atirado para a praia, molhado e humilhado, logo ali me assaltou o sentimento inquietante de que havia deixado para trás o próprio mundo. Respirei o ar quente e húmido, cheirando a frutas e a cana-de-açúcar, e pouco a pouco comecei a

perceber um outro odor, mais sutil, melancólico, como o de um corpo em decomposição. É a este cheiro, creio, que todos os viajantes se referem quando falam de África (p.11).

Ana Olímpia era filha de um príncipe congolês, feito prisioneiro após ter sido alvo de uma cilada de tropas portuguesas, juntamente com suas três esposas, uma das quais, grávida. Esta, posteriormente vendida como escrava, é comprada por Victorino Pompeu de Castro e a filha, Ana Olímpia, torna-se esposa do senhor. Após a morte do marido, e não tendo sido alforriada, é vendida como escrava a Gabriela Santamarinha. Nessa ocasião, Fradique, seguindo sua tendência natural de eterno viajante, já regressara da África, mas sabendo da situação de sua bem amada, para lá retorna com o fim de libertá-la. Empreende então, com ela, a fuga para o Brasil, compra um engenho na Bahia, alforria todos os escravos e assume a causa abolicionista, inclusive convivendo com José do Patrocínio. Por desenvolver tais atividades acaba sendo perseguido pelos senhores escravagistas do Brasil, tornando-se até mesmo vítima de atentados. Ana Olímpia e sua filha Sophia permanecem no Brasil por alguns anos, mas retornam à África. A morte de Fradique é transcrita do livro de Eça de Queirós: morre em Paris, em 1888.

Cosmopolitismo, ironia e mestiçagem

No texto de Eça, a característica mais significativa de Fradique Mendes é a sua abertura para o mundo, consubstanciada nas viagens, leituras, relações que mantém com indivíduos de diferentes países. O que induz essa personagem de Eça a realizar incontáveis viagens é a sua curiosidade, busca de emoções, necessidade intelectual de conhecimento. Nessa perspectiva, tudo o que vê é passível de análise, fornece-lhe elementos para refletir e, ao mesmo tempo, acalmar as suas inquietações. Ela encarna os valores e ideais do século XIX, expansionistas, de progresso e ampliação de horizontes, seja na ciência, na arte ou na vida.

Uma leitura linear do texto queirosiano poderia indicar apenas isso, mas é necessário atentar para outro componente que caracteriza a visão estética do autor: a ironia. Com efeito, os valores e convicções que norteiam as ações de Fradique não são facilmente identificáveis, visto que, sendo ele um ironista, tudo quanto diz aqui, pode ser contestado ali. Este fato é relevante quando se trata de mostrar a configuração da personagem, pois a ausência do natural apego aos dogmas e verdades estabelecidas, vai determinar nela a isenção intelectual em relação aos preconceitos, de modo que ela está, assim, predisposta a aceitar as diferenças ditadas pela prática de costumes e leis específicas e a julgá-las apenas através do humor, que não prevê soluções.

É relevante notar que, no decurso do tempo, o que mais tem sido objeto de reprovação na configuração da personagem de Fradique Mendes, conforme concebida por Eça de Queirós, é a sua visão irônica do mundo. Na lista dos críticos, estão os companheiros de Fradique, mencionados no próprio texto, isto é, figuras ficcionais, como o jornalista francês, Alceste, que escreve uma crônica por ocasião da morte daquele e sugere o seguinte epitáfio: “Aqui jaz o ruído do vento que passou derramando perfume, calor e sementes em vão...” (p. 97). Reprova-lhe assim a ausência de uma obra e atribui o fato à indolência e indiferença. Valendo-se o autor de uma perspectiva metaficcional bem como da multiplicidade de vozes enunciativas, de certo modo, induz boa parte das leituras posteriores do texto.

Assim, nessa obra, o autor implícito se revela no modo irônico com que compõe as ambiguidades e aparentes contradições, tal como, a partir de uma atitude metaficcional, formular a dupla visão a respeito da personagem. Enquanto o narrador exalta as suas características pessoais de amplitude e cosmopolitismo, no interior do texto, outras personagens recriminam-lhe o comportamento e a forma de vida. E esse julgamento, instaurado pelo autor, perpetuou-se. Com efeito, intelectuais e estudiosos, através dos anos, em geral adotando uma das visões, também costumam criticar a sua falta de ação no mundo, classificando Fradique como diletante, ou “dândi”. Lopes e Saraiva⁴ em seus comentários a essa obra de Eça observam:

Fradique não passa de um diletante, que pretende incorporar na consciência a máxima diversidade de vivências, mas inteiramente desligado de quaisquer programas coletivos. Acontece-lhe mesmo ser egoísta sem dar por isso, como quando deseja que a Palestina se mantenha fora da rede de caminhos-de-ferro para poder saborear o pitoresco tradicional. Em última análise o universo tem uma finalidade estética (p. 933-34).

Já, Ofélia Paiva Monteiro⁵ elabora uma crítica que enfatiza o humorismo no texto, assinalando que faz parte do programa de criação da personagem o querer mostrá-la inoperante. Refere-se também à presença das opiniões contraditórias a respeito de Fradique inseridas no próprio contexto da obra e relaciona a característica do dandismo ao autor Eça de Queirós:

À cômica e inoperante singularidade dada pelo Eça de *A correspondência*... ao seu “hiper-dândi”, tão admirado pelo narrador, mas apreciado e criticado por outros “juizes” que ele cita, não pode deixar de ser

dada, mercê da estratégia da obra, um meandroso fito de auto-crítica e de balanço risonho do percurso da sua geração, levado a cabo pelo escritor quando, a partir de meados da década de 80, se reúne com alguns de seus confrades no grupo “jantante” dos “Vencidos da Vida” (p. 217).

Entretanto, essas atitudes absenteístas em relação ao social e material, a ausência de um ideal ou de possibilidades de um contexto positivo, são, justamente, aspectos importantes da constituição do modo irônico de conceber o mundo e de viver. Afinal, o que representa o ponto fulcral da ironia, da visão construída pelo indivíduo irônico é, em última instância, a constatação de que o ideal por ele concebido, não pode existir na realidade. Por esse motivo sente-se desobrigado e inapto para a ação efetiva no mundo com propósitos definidos. Assinala-se aqui o ponto de vista da enunciação, que é irônico, e portanto, deveria, como salientou Ofélia Paiva Monteiro, fazer parte do projeto de criação dessa personagem, ser inoperante.

Referindo-se à possível perfeição da “bela arte de dizer”, ocorre o seguinte diálogo entre o narrador e Fradique:

Aturdido, rindo, perguntei àquele “feroz insatisfeito” que prosa pois concebia ele, ideal e miraculosa, que merecesse ser escrita. E Fradique, emocionado (porque estas questões de forma desmanchavam a sua serenidade), balbuciou que queria em prosa “alguma coisa de cristalina, de aveludado, de ondeante, de marmóreo, que só por si, plasticamente, realizasse uma absoluta beleza – e que expressionalmente, como verbo, tudo pudesse traduzir, desde os mais fugidios tons de luz até os mais subtis estados de alma”.

Enfim – exclamei – uma prosa como não pode haver!

Não! – gritou Fradique – *uma prosa como ainda não há* (p. 106).

Esta última frase de Fradique, grifada no texto original pelo autor, corrobora uma das características do ironista. Nela há a permanência do ideal – a busca de uma prosa cristalina, aveludada, etc. e, ao mesmo tempo, um jogo entre o narrador e Fradique em que há a constatação da impossibilidade de concretizá-lo, ou porque “não pode haver”, ou porque “*ainda não há*”. Essa premissa o induz a valer-se da negatividade e do humor, aspectos que as sociedades constituídas de todos os tempos tem dificuldade em aceitar, pois não percebem objetividade ou utilidade em tais comportamentos.

O romance de Agualusa parece suprir essa “falha”. Retomando com propriedade a personagem da tradição, confere-lhe, todavia, outros matizes. Observa-se que a coerência em relação às datas e atividades de Fradique está assegurada, conseqüentemente, a verossimilhança, também. O subterfúgio encontrado pelo autor, de aparecerem novas cartas de Fradique, relatando sua experiência na África é possível, visto que, apesar da

⁴ SARAIVA, António José. LOPES, Oscar. *História da literatura*. Porto: Porto Editora, 1989.

⁵ MONTEIRO, Ofélia Paiva. “Sobre a excentricidade humorística de Fradique Mendes”. In: *Queirosiana*. n. 5/6, 1993/1994.

negativa feita ao narrador do outro texto, poderia estar apenas preservando sua vida pessoal que, aliás, era-lhe muito cara. A personagem de *Nação Crioula* é tributária do texto oitocentista levando-se em conta os seguintes aspectos: o cosmopolitismo, a sua condição de viajante, a sua excentricidade. Tais elementos são conservados e são também a razão de existir da própria trama romanesca. Porém, o Fradique de Agualusa tem uma ação mais efetiva no mundo, envolve-se com as causas sociais, com a escravidão, com a paternidade, em outras palavras, é mais humanizado e menos estetizado.

A preocupação com a nacionalidade é um dos vetores dos dois textos. Entretanto, o enfoque dado por Agualusa é diferente e vem espelhar uma nova situação histórica e política. Note-se que o texto é escrito por um autor angolano, mais de cem anos depois da criação original, mas refere-se ao mesmo tempo histórico. Assim, o tempo histórico da enunciação é diferente, mas o do enunciado é o mesmo. Desse modo, pode-se considerar que o propósito de Agualusa é estabelecer os laços entre as três nações, Brasil, Portugal e África, assinalando os elementos comuns que estão na origem e conformação delas. De um modo mais concreto, nesse romance, são consideradas as relações que datam da segunda metade do século XIX, mas que remetem a outras mais antigas, visto que a escravidão, atividade que envolve as três nações, é anterior. Possivelmente, essa perspectiva, esse ponto de vista do narrador é decorrente e também revelador da instauração de novas consciências nacionais, tributárias dos vários movimentos de descolonização.

A mestiçagem é a forma como se solidificam as relações entre os países, é o elemento mais importante, pois está ligado ao sangue. Em *Nação crioula*, Fradique Mendes é um aventureiro, apaixonado por uma mulher negra, escrava em certo período, tem uma filha com ela, envolve-se nas campanhas abolicionistas, principalmente no Brasil, isto é, tem sua vida modificada pela cultura e pela gente da África e do Brasil. Em carta a Madame de Jouarre, assim se manifesta:

Quem lhe escreve esta carta não é mais o ocioso e irresponsável aventureiro que você viu crescer vestindo-se nos melhores alfaiates de Paris para ocultar a miserável nudez da alma, pensando com ideias emprestadas, sentindo o mundo com sentimentos alheios, e cujo projeto de vida era, simplesmente deixar-se viver. Sou outro! Sou, desde há dois meses, pai de uma belíssima menina à qual, em sua homenagem, chamei Sophia (p. 127).

Com efeito, este é outro Fradique, a quem não se poderia reprovar, por indolência ou indiferença, visto que se empenha efetivamente nas lutas sociais, na defesa de direitos individuais. O ponto de vista da enunciação, em *Nação Crioula*, busca suplantar as críticas que a

tradição fez cair sobre o outro Fradique, de Eça de Queirós. É por isso que, em essência, a personagem do romance contemporâneo é diferente da outra, visto que o ponto de vista da narração não é o mesmo daquele do romance oitocentista. De certo modo, vislumbra-se uma possibilidade de entendimento, de diálogo, de constituição de uma nacionalidade ampliada, mais fraterna e menos individualista, na voz do autor implícito de *Nação Crioula*.

Para corroborar essa visão, há que salientar a presença da filha, que não tem um nome comum, mas lembra a sabedoria, ela é Sophia. Parece haver uma aceitação da condição biológica que determina a necessidade de perpetuar-se no mundo, apesar de apontar também para outra direção, como se percebe no trecho abaixo:

Nunca compreendi o furor de procriar, essa pulsão sobre a qual invariavelmente assentam todos os grandes movimentos sociais, e se fundamentam as teologias, as filosofias, os mistérios sagrados. Ainda não compreendo. Todavia sou pai e de alguma forma obscura, sinto que essa criança é o meu futuro e a razão do meu passado (p. 127).

Assim, o fato de ser pai, apresentado como proposta de solução estética para o romance, justifica-se uma vez que a paternidade é uma metáfora. Ocorre ali a transcendência do indivíduo para o social e histórico. A filha de Fradique, razão do futuro e do passado dele, com seu nome que é sabedoria, fruto da união de duas raças, africana e portuguesa, porém nascida em terras brasileiras, aponta inequivocamente para a possibilidade de entendimento e união entre as raças e nações retratadas. O romance traça um percurso em que se pode empreender o reconhecimento da configuração de uma identidade.

Para concluir, pode-se considerar que a diferença entre as duas obras se estabelece a partir do ponto de vista da enunciação. Enquanto o texto de Eça de Queirós revela um ponto de vista irônico sobre o mundo, o de Agualusa, apesar de apresentar diversas situações irônicas no contexto da narrativa, não contempla a ironia como uma opção estética definitiva.

Referências

- AGUALUSA, José Eduardo. *Nação crioula*: a correspondência secreta de Fradique Mendes. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.
- MONTEIRO, Ofélia Paiva. Sobre a excentricidade humorística de Fradique Mendes. In: *Queirosiana*, n. 5/6, 1993/94.
- QUEIRÓS, Eça de. *A correspondência de Fradique Mendes*. Memórias e notas. Porto: Lello e Irmão – Editores, s. d.
- SARAIVA, António José. LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1989.
- TURCHETTA, Gianni. *Il punto di vista*. Bari: Laterza, 1999.

Recebido: 12/08/2012
Aprovado: 20/09/2012
Contato: piazza@unisc.br